



## Cowans. Os pedreiros sem a palavra

Tradução J.Filardo

Por Victor Guerra



Em geral, idealizamos bastante o mundo das guildas de pedreiros e tudo o que tem a ver com elas e, por extensão, com o que a Maçonaria chamou nucleação na mesma palavra de sindicatos profissionais e seus regulamentos e a ação daqueles reunidos em lojas chamadas lojas especulativas que tomaram emprestados símbolos e ferramentas dos pedreiros. Bem, naquele mundo fechado profissional ocorreram marginalizações que atravessaram essa barreira para se estabelecer no seio do ritual especulativo maçônico.

Dentro da grande fraternidade que é a Maçonaria, e cujos começos podemos colocar em 1717, entre cujos objetivos o documento funcional as *Constituições de Anderson* incluem que “ela se tornará um centro de unidade e será o meio de estabelecer relações amistosas entre pessoas que fora dela permaneceriam separadas umas das outras”.

No entanto, ao longo de sua história, manterá uma série de pessoas e grupos fora de seus limites, e um desses grupos os chamados “cowans”, uma questão que vem dos primeiros dias do sistema operativo e diante do temor da intrusão não só os segregou, mas para impedir sua entrada em outras guildas impôs os “Tylers” ou telhadores à porta das lojas.

Por que motivo vale a pena perguntar quem eram esses profissionais marginalizados ligados ao mundo da pedra?

Em termos gerais, podemos dizer que eles eram pedreiros que não veremos integrados nas cidades e nas poderosas organizações sindicais ligadas à pedra, tais como guildas, grêmios, irmandades e corporações, organizações que não aceitavam os pedreiros-canteiros vinculados ao mundo rural, onde eram vistos erguendo aquelas paredes de pedra que dividiam as terras dos habitantes locais. Seu trabalho era construir paredes de 1 a 1,5 metros, que raramente tinham argamassa e menos ainda cal.

Esses profissionais inseridos no mundo rural eram verdadeiros especialistas em corte de pedras, pois sabiam cortar a pedra ao longo de suas linhas de fissura e esquadrear as



diferentes faces para moldar a parede com elas, em um intrincado emparelhamento, por meio de sua arte podemos rastrear a presença deles em muitas culturas.

É verdade que o mundo rural, pelo menos na antiguidade, fazendeiros e pecuaristas sabiam, em maior ou menor grau, erigir essas paredes de maneira grosseira, embora isso não os impedisse de participar, pois é um obstáculo, na criação de cabanas e currais em todo o território rural inglês.

Essa tarefa de construir e manter esses recintos correspondia, portanto, a esses *pedreiros rurais* e a outros do tipo descrito como *wallers*, que estavam encarregados deste trabalho como tal *cow-men* [...] Embora o trabalho deles também tenha sido regulamentado conforme declarado em 1636 em Canongate, e por cujos estatutos sabemos que eles tinham permissão para usar argila como argamassa, mas não podiam usar cal, uma questão que também é confirmada por um decreto anterior de Glasgow em 1623, pelo qual o *cowan* John Sheldden estava autorizado a construir muros com argamassa de argila, mas sem cal e areia, com a condição de que esse muro tivesse apenas um metro de altura.

O que é estranho ou talvez mais sintomático é o fato de que esses trabalhadores acabaram recebendo a qualificação de *bisbilhoteiros* (espíões). Talvez a palavra certa fosse “intrusos”, pois não se tratava de espionar ninguém nas lojas, mas de uma possível intrusão profissional.

É evidente que esses *cowans* discriminados estavam a certa distância maior ou menor, em termos da experiência, dos pedreiros e também das organizações (guildas, grêmios, corporações, etc.) que administravam grandes pedreiras e, portanto, sabiam esculpir os grandes blocos que obtinham previamente e cujo processo, até consolidar a conclusão do edifício religioso ou civil, exigia treinamento, aptidões e qualificações muito diferentes.

As técnicas evoluíam para vários efeitos: sociais, políticos ou religiosos, ou simplesmente motivados por um grande incêndio, de modo que o novo edifício exigisse argamassa cujos componentes essenciais estavam na mesma pedreira: poeira de calcário, técnicas aperfeiçoadas que, por sua vez, eram mantidas em segredo pelas guildas desconfiadas, que tentavam e conseguiam, como era o objetivo, manter os grupos de canteiros unidos e alcançar cotas de poder relevantes nas áreas urbanas, nas quais os famosos *cowans* não haviam penetrado.

Portanto, vale a pena perguntar por que essa rejeição de corporações profissionais fechadas de natureza urbana em relação a profissionais individuais que se aglomeravam no meio rural?

Primeiro, devemos especificar uma pergunta sobre a presença deles nos textos manuscritos nos quais encontramos algumas referências, principalmente tratando-se de textos de origem escocesa como os famosos *Estatuto de Shaw* de 1596, que indicam tal regulamentação ... «*That na Maister or Falow - of - Craft ressave the paine of twentie*



*ony cownis to wirk in his societie or company nor send name of his servants to wirk wit cownis under pundis so often as ony persone offendis heirintill»* .<sup>[1]</sup>

Eles também eram definidos como *dry-diker*, alguém que constrói sem cimento, isto é um *Maçom sem a Palavra, ou seja, a Palavra de Maçom*.

Mas, além disso, pouco mais existe, e não nos explica essa marginalização e desacordo entre as guildas e esses pedreiros rurais.

A [Peste Negra](#) teve algo a ver com todo esse desenvolvimento. Seu término implicou uma verdadeira remodelação das sociedades, de seus relacionamentos e de suas estruturas como conglomerado social e trabalhista. Um desses efeitos foi a administração da igreja como um poder institucional projetado a partir daquele momento na construção de igrejas e catedrais, em cujo desenvolvimento as guildas e corporações desempenharão um papel fundamental, onde ressurgirão fortemente e, como tal, se tornarão cada vez melhores em termos de suas técnicas e de seus próprios desenvolvimentos enquanto organizações sociais e profissionais.

Essa mudança provocou a construção de grandes edifícios, aos quais era agregado um edifício adjacente chamado *loja*, cuja faceta multifuncional servia tanto para proporcionar abrigo, armazenar ferramentas, reunir a corporação, servir de *escritório* para o Mestre de Obras, ou para os trabalhadores se alimentar ao abrigo de diferentes situações climáticas, etc.

Essa antessala das obras reunia os trabalhadores menos qualificados do lado de fora, sendo o interior reservado para pedreiros mais especializados, tais como os entalhadores. O lugar era guardado por um Tyler (telhador), que era o nível mais baixo na hierarquia da corporação.

Algumas guildas, em que pese a ideia utópica de liberdade tão exagerada na mídia historiográfica, eram bastante limitadas e é necessário acrescentar a sua própria rigidez enquanto estruturas jurisdicionais nos territórios, tanto é que esses Ofícios Jurados estavam entregues às mãos dos senhores feudais, que finalmente anularam a possível mobilidade profissional. De fato, sua liberdade foi resgatada das mãos da forte regulamentação normanda que regulava o país com mão de ferro, pela própria igreja que precisava ter mão de obra para desenvolver seu impressionante projeto de erguer igrejas e catedrais.

Essa liberdade foi alcançada, seja através de preços ou dispensas da Igreja para dispor de tais trabalhadores que por sua origem e desenvolvimento acabaram se tornando “corporações cada vez mais livres”, embora isso também seja relativo, uma vez que estavam limitados aos regulamentos, jurisdições das corporações e dos poderes públicos.

Portanto, esse grande projeto eclesial deu origem à construção de edifícios religiosos no tranquilo ambiente rural e, como tal, levou à contingência do encontro entre duas especificações profissionais nesse campo.



Neste tranquilo espaço rural, os membros do ofício da corporação de pedreiros se encontrarão e, por outro lado, os “cowans” que viram chegar às suas construções novas oportunidades de trabalho, mesmo que nunca tenham realizado obras dessa magnitude, nem tivessem certas capacidades técnicas. Com o tempo eles foram adquirindo habilidades, o que por sua vez gerava atritos entre os dois setores, mas os “cowans” perderam a batalha e ficaram confinados aos empregos mais simples do ofício. Entretanto, apesar de suas antiguidades no mundo da pedra, eles não podiam enfrentar as poderosas e herméticas guildas, que se fechavam em bando recusando-se a dar espaço a eles em seu organograma profissional, nem mesmo como aprendizes.

E para isso eles adotaram medidas de proteção tais como *palavras* e gestos de reconhecimento.

E mesmo quando conseguiram um certo reconhecimento, na realidade isso nunca foi real ou foi o resultado de uma questão circunstancial, seja porque os sindicatos não estavam interessados em um determinado trabalho ou porque a força de trabalho tinha que ser grande devido a requisitos de prazo de execução, como aconteceu com a reconstrução de Londres, onde todos os profissionais pedreiros foram convocados para trabalhar, fossem pedreiros, cowans ou membros das sociedades de Irmandade (*Compagnons, Bahütte*, etc.) para trabalhar com as corporações estabelecidas na reconstrução da cidade.

Além disso, existe um terrível paradoxo: enquanto as Guildas do Ofício sempre se recusaram a abrir as portas para os *cowans*, pela porta, curiosamente, portas e janelas eram abertas para aos *cavalheiros* para que se tornassem parte da estrutura corporativa cada vez mais decadente. Portanto, as lojas foram cada vez mais articuladas como centros de poder burguês urbano, onde pouco podiam os famosos cowans, o que eu já indico no título do artigo não “tem a palavra”, na verdade, temos a loja escocesa *Mãe Kilwinning*, que define os *cowans* como diaristas fora das guildas e “maçons sem a Palavra”.<sup>[2]</sup>

Em dezembro de 1598 em Edimburgo, através dos Estatutos *Schaw*, em relação à observância de todos os Mestres de Obras e Observadores Gerais do Ofício, o artigo 15 afirma que “Nenhum Mestre ou companheiro do ofício receberá um *cowan* para trabalhar com ele, nem enviará nenhum de seus assistentes para trabalhar com *Cowans*, sob pena de multa de vinte libras cada vez que alguém quebre essa regra.”<sup>[3]</sup>

Até a Assembléia de York enfatiza que “nenhum mestre deve fazer planta, equadro ou régua para um desbastador ou montador de pedra sem argamassa”.

A disciplina férrea em que o “juramento ou promessa” por parte do artesão mediou uma estrutura reguladora inflexível alcançou tal extensão conforme nos mostra um documento da loja *Mary’s Chapel* de Edimburgo em que se registra que um maçom da loja tinha que reconhecer e confessar ter ofendido a guilda e o mestre da loja por oferecer trabalho a um *cowan*, tendo que fazer uma confissão humilde e prometer nunca fazê-lo



novamente. Em outros lugares, são coletadas informações sobre multas e condenações pecuniárias pela contratação de tais *cowans*.

[1] Que nenhum professor ou companheiro do escritório recebeu nenhum *cowan* para trabalhar em sua sociedade ou empresa ou enviar qualquer um de seus funcionários para trabalhar com os *cowans*.

[2] Popow, Corine. *James Hogg. O fundador do romance psicológico*. Dissertação. 2004

[3] Hurtado, Amar. *Nós maçons*. Editorial MASONICA 2014.

---

### OS COWANS NAS DIVULGAÇÕES E RITUAIS MAÇÔNICOS.

---

A etimologia da palavra *cowans* preencheu muitas páginas da historiografia inglesa e muito poucas páginas, para não mencionar quase nenhuma em francês.

Embora isso se deva talvez ao fato de o termo ter sido traduzido para o francês de uma maneira muito diferente, e sua singularidade como tal ter sido ocultada de tal maneira que a maioria dos dicionários maçônicos em uso, apesar de ser um termo amplamente usado em inglês na Maçonaria operativa e especulativa dos primeiros momentos, e na bibliografia francesa apenas em determinadas circunstâncias.

Revisando os dicionários em uso como, por exemplo, o Dictionary of Freemasonry, de Daniel Ligou, ou a Enciclopédia de Saunier, nem mesmo a prolífica Irene Mainguy trazem o termo em suas publicações, quem o faz são Boucher e Bayard, mas acrescentando as citações já expostas sobre a loja de *Kilwinning*.

Apenas o dicionário de Solange Sudarkis,[1] é um pouco mais explícito. Esta autora nos remete às Constituições de Anderson de 1738, cujas palavras são retomadas por Laurence Dermott no *Ahiman Rezon*. Estendendo-se a autora do repertório em sua entrada ao que já foi exposto neste artigo, sem se aventurar em nenhuma outra novidade.

Nesta busca pela etimologia, há quem nos leve de volta às origens gregas para nos dizer que daí vem uma expressão semelhante que vem expressar algo como “cachorro”. Continuando com essas andanças, existem aqueles que acabam diante da *Revista de Maçonaria*, que em seu volume 1, cita o Cavaleiro Ramsay quando fala sobre An Inquire Concerning *Cowans*; e sem sair do solo inglês, a pena de Sir Walter Scott cita os referidos operativos em seu romance *Rob roy*. «Ela não valoriza um *Cawmil Mair* como *Cowan*, e você pode dizer a *Mac Callum More* que *Allan Iverach* disse que sim.

É isso que alguns documentos repetem uma e outra vez, mas é preciso dizer que esse conjunto de contribuições dificilmente nos tira da roda gigante da repetição de citações, muitas delas tendo como base o que já foi bem escrito por Mackey, ou pelo próprio Joseph Fort Newton.[2]





Quem vem em nosso auxílio neste árduo desbaste entre fontes primárias é, como quase sempre, o grande aluno do fenômeno maçônico, Henry Carr [3], que nos oferece mais pistas sobre tal termo, pelo menos para seguir adiante.

### OS COWANS NAS ANTIGAS OBRIGAÇÕES (OLD CHARGES)

Analisei a etimologia do termo e sua adequação nos campos profissionais relacionados ao mundo da cantaria e, é claro, seu atrito socioprofissional devido a diferentes mudanças nos setores profissionais, e não vejo que manifestem uma atenção especial nas diversas regulamentações socioprofissionais do século XVI ao XVIII, ou seja, nas Antigas Obrigações (Old Charges).

Pode-se dizer que sua presença em tais textos é mínima, como nos mostra o prestigioso pesquisador da chamada Escola Autêntica, Henry Carr, que escreve que a presença dos cowans é notada em dois manuscritos, o *Dumfries* No. 4 e o *Wilkinson*.

O primeiro deles, de 1710, em sua lenda do Ofício, nos expõe outra variante do termo: «cowin» e em cujo texto se insere nesta frase: «048 The Assembly Itm that no master masson shall make any mould square or Rule to any Layer or *cowin* Itm that no mg within or without a loge shall set a lay mould of stone or other ways without». [4] cuja tradução francesa se apresenta assim: «Item, nul maître maçon ne fabriquera aucun gabarit, equerre ou regle pour un poseur ou un cowan». Que viria a ser traduzido assim: Nenhum Mestre Maçom fabricará qualquer modelo, esquadro ou régua para alguém que se passa por (se apresenta), ou que não tem qualidades (finge) ou um cowan”.

No *Prefácio* do referido manuscrito fala-se “das obrigações de todos os maçons verdadeiramente qualificados”. Assim, fazendo-se uma distinção entre maçons qualificados e os *outros*, deve se referir, portanto, aos cowans, que além disso qualifica como trabalhadores temporários.

O segundo documento é o manuscrito *Wilkinson* de 1727, que Harold Wilkinson da loja Pomfret nº 360 encontrou em 1946 entre os documentos de seu falecido pai Samuel Blaze Wilkinson (1851-1931). E, portanto, ele carrega seu nome.

O manuscrito *Wilkinson* parece representar um ritual anterior ao Prichard, e parece não haver evidências de que ele tenha sido praticado em qualquer Loja de Northampton, onde foi encontrado. Tampouco se pode afirmar, certamente, por razões que explicaremos mais adiante, que o documento fosse escrito em data anterior ao que se diz. Este evento, como o resto da história, foi publicado por Knoop e Jones em sua resenha sobre tal manuscrito. [5]

Em resumo, o termo cowan é um termo que primeiramente vem do campo profissional rural, isto é, de uma guilda no amplo mundo do trabalho em pedra, mas que estava fora das questões regulatórias e da articulação das Corporações de Ofício. Não parece que eles tivessem regulamentos ou qualquer organização, pelo menos os historiadores não o incluem como tal.



Sabemos tangencialmente e por fontes das próprias corporações de ofício que esses trabalhadores, por diferentes razões, eram exógenos ao classismo da cantaria, uma vez que eram trabalhadores que não tinham a *etiqueta* das distintas organizações corporativas (irmandades, guildas, corporações, etc.), que se reconheciam os seus com base em diferentes formas de *aceitação e reconhecimento* (palavras e toques) que faltavam a esses trabalhadores rurais, que assim não podiam, portanto, valer-se com a ajuda fraterna das diferentes organizações do Ofício.

Isso que, em princípio, não deveria ter maior importância, pois os dois setores não estavam em concorrência conforme já foi dito, quando a pressão trabalhista os levou a se mover, alguns em direção a áreas rurais com a construção de igrejas, e outros em direção a cidades para reconstrução delas, como foi o caso de Londres, isso significava que um terceiro significado estava emergindo, de maneira depreciativa, fazendo os cowans rurais parecerem *intrusos*.

### OS COWANS NO RITUAL MAÇÔNICO INGLÊS.

Por outro lado, como eu já disse, o termo *cowan* não merece muito mais atenção do mundo sócio trabalhista da cantaria no território inglês, uma vez que as fortes estruturas e regulamentos assumiram a situação como uma consequência da estratificação sócio trabalhista, e assim podemos entendê-la quando não encontrar na barafunda de manuscritos regulatórios (Antigas Obrigações) nada mais do que um número muito pequeno de citações.

Sem descurar o declínio das guildas operativas, paralelamente, a questão dos cowans passou a um segundo plano.

Em vez disso, com a chegada da Maçonaria especulativa a partir de 1717 e a chegada das divulgações publicadas nos tabloides ingleses, bisbilhotando os trabalhos do ritual maçônico (*Divulgações*) que naquela época era um produto de alta demanda entre o público em geral, e esse termo estava vinculado principalmente ao âmbito profissional sob várias acepções: maçons rurais, pedreiro de muros, maçom sem reconhecimento ou pedreiro temporários etc., leva a uma nova acepção, e os famosos cowans começam a aparecer, atribuindo-lhes ou assimilando-os a novos termos como: *leigos que pretendem entrar nas lojas*, eles também são descritos como *intrusos*, e um pouco mais tarde eles são denunciados como *espíões*.

Assim nos chegam as diferentes divulgações nos jornais da época, que dada sua semelhança, fazem com que seu conteúdo nos ofereça certas garantias de que o que elas nos dizem corresponde a uma realidade na qual quase todas coincidem mais ou menos.<sup>[6]</sup>

Uma dessas divulgações, a *A Mason's Confession (Confissão de um maçom)* de 1727, que reuniu as cerimônias dos maçons especulativos daqueles primeiros anos, em sua primeira citação nos expõe — diz — “immediately after that oath, the administrator of it says, you sat down a cowan, I take you u Mason.” (Imediatamente após o juramento, o presidente diz: aqui chegastes como cowan (profano) e eu te aceito como maçom).<sup>[7]</sup>



Uma frase que não deixa de ser surpreendente, pois pode ser interpretada como uma mão estendida a quem, depois de procurar um lugar na vida, a encontra com essa ajuda de ser aceito como maçom, mas estamos falando da época especulativa, dez anos haviam se passado desde a fundação da Grande Loja, e não estamos mais falando de um profano, mas de um cowan. O que o autor de *Confissão* nos quer dizer com esta frase?

Que ainda pesava a herança operativa no seio da nova proposta especulativa. É uma possibilidade.

Outra citação que já conhecemos em parte é esta: «Q. *How high should a mason's siege be? A. Two steeples, a back, and a cover, knee-high all together. — N.B. One is taught, that the cowan is taught, that the cowans stage is built up of whim stones, that it may soon tumble down again; is taught, that the cowans siege is build-up of whim stones, that it may soon tumble down again; and it stands half out in the lodge, that his neck may be under the drop in rainy weather to come in at his shoulders, and run out at his shoes*». [8]

Um assento, um local ... mas onde? O texto está se referindo à parte externa da loja, naquele ponto em que o último trabalhador, talvez o cowan, não estava sob o abrigo da loja e, portanto, exposto a intempéries que lhe fustigavam todo o corpo. É possível que seja isso.

Por outro lado, as *Constituições* reformadas de Anderson, o autor não foi sensível a essa questão em seu texto de 1723, cuja ausência não chamaria a atenção, se não fosse pelo fato de que quinze anos depois, na revisão de 1738, ele introduziu esta frase: “Os maçons livres e aceitos não permitirão aos cowans trabalhar com eles, e eles não serão empregados a menos que haja uma necessidade urgente...”

Diante de tal pergunta, cabe perguntar por que Anderson levanta essa questão de “necessidade urgente”, justamente naquele momento, 1738 ...? Essa necessidade foi justificadamente invocada em 1666, após o incêndio em Londres, que fez com que chegassem à capital inglesa as mais variadas guildas de pedreiros.

Um pouco antes da modificação Andersoniana, foi publicada a divulgação talvez mais importante dentro desse panorama de rituais maçônicos, e ligada ao setor dos Modernos. Trata-se da obra de Prichard: *Maçonaria Dissecada* (1730) em que o termo que nos interessa aqui surge em várias ocasiões. Vejamos então as citações:

A certa altura do catecismo clássico dos trabalhos rituais, o Venerável Mestre pergunta ao *Aprendiz Aceito* onde ele se situa e este responde:

Apr: Ao norte.

VM: Qual é o seu dever?

Apr: Manter afastados todos os cowans ou bisbilhoteiros (eaves-droppers)

VM: Se um Cowan for capturado. Como ele deve ser punido?





Apr: Colocando-o sob os beirais da casa em tempo chuvoso até que a água entre por seus ombros e saia pelos seus sapatos.[\[9\]](#)

É aqui que se aprecia o vínculo que se faz entre os cowans como bisbilhoteiros, (eavesdroppers), que é exatamente o termo de correlação. Mas para que se perceba como esses termos desaparecem ou se deformam com as traduções, naquela já mencionada de Renato Torres, neste caso da chamada Maçonaria Dissecada, ele traduz “To keep off Cowans and Eves-droppers”, como “Afastar profanos e bisbilhoteiros.”

Como se pode ver, os rituais e os catecismos valem-se das mesmas fontes, pelo menos em relação a algumas questões, pois mostram as coincidências entre as duas divulgações: *Confissões* e a *Dissecada*.

Também aparece um pouco mais adiante, quando a VM continua com o catecismo:

P. Qual era a altura da porta da Câmara do Meio?

R. Tão alta que um cowan não conseguiria cravar um alfinete.

A resposta, digamos, está na tradução da seguinte frase do catecismo, pelo menos em relação à tradução francesa, quando diz: «ela é tão grande que uma manobra (manoeuvre) não podia cravar um alfinete (épingle).

E comento que tal explicação está na tradução porque, por um lado, *manoeuvre*, geralmente traduzida como manobra e, como me explica o maçónologo Joaquim Villalta, esse termo deveria ser traduzido como “peão” ou “mão de obra”, para se encaixar no entendimento mais adequado da frase, inclusive entendendo o termo “Pin” como prego, ou seja, um cravo pequeno e fino. Mas, no entanto, a frase na realidade, no idioma original em inglês, é “So high that a Cowan could not reach to stick a Pin in”, ou seja, que não existe manobra alguma, apenas a versão livre francesa de cowan. [\[10\]](#)

Por sua parte, Laurence Dermott também dedica a eles várias citações em sua Bíblia constitucional, como é o *Ahimam Rezon* (1751) para os Antigos, onde ele escrevia sobre esses pedreiros marginais como “When sinful Cowans were grooving in the tide, the Mason Ark triumphantly did ride”.[\[11\]](#)

Pecaminosos, por que razão?, o seu trabalho nas áreas rurais construindo muros era, por acaso, repreensíveis ou imorais? Quando, na realidade, os irlandeses que constituíam a Grande Loja dos Antigos eram geralmente da mais baixa classe social de Londres, ou pelo menos assim eram considerados, incluindo o próprio pai fundador.

Laurence Dermott se deixa resvalar ladeira abaixo quando indica que nobres ricos podem contratar bons maçons e não cowans.

Tinha ele medo da concorrência? : « *When Men of Quality, Eminence, Wealth, and Learning, apply to be made, they are respectfully accepted, after due Examination; for such often prove good Lords (or Founders) of Work, and will not employ Cowans when*



*true Masons can be had; they also make the best Officers of Lodges, and the best Designers, to the Honour and Strength of the Lodge; nay, from among them the Fraternity can have a Noble Grand Master; but those Brethren are equally subject to the Charges and Regulations, except in what more immediately concerns Operative Masons»*[\[12\]](#)

Aqui, Dermott repete o que Anderson disse em 1738 “*But Free and Accepted Masons shall not allow Cowans to work with them, nor shall they be employed by Cowans without an urgent Necessity; and even in that Case they must not teach Cowans, but must have a separate Communication; no Labourer shall be employed in the proper Work of Free-Masons»*.”[\[13\]](#)

A seção dedicada ao telhador (Tyler) se determina: «*BROTHER V. W.: You are appointed Tiler of this Lodge, and I invest you with the implement of your office. As the sword is placed in the hands of the Tiler, to enable him effectually to guard against the approach of cowans and eavesdroppers, and suffer none to pass or repass but such as are duly qualified, so it should admonish us to set a guard over our thoughts, a watch at our lips, post a sentinel over our actions; thereby preventing the approach of every unworthy thought or deed, and preserving consciences void of offense toward GOD and toward man»*.”[\[14\]](#)

Mas nas Constituições dos Antigos: *Ahiman Rezón*, a palavra cowan aparece cerca de catorze vezes e novamente em *Tubal Kain*.

Outros textos rituais movem-se em linhas semelhantes, seja de uma forma muito definida, como já vimos ou retirando certas assimilações.

No *Guia de maçons escoceses* de 1829.

P. Quem são aqueles a quem você chama cowans?

R. Aqueles que não são maçons [\[15\]](#).

Mais adiante, se pergunta:

P. Um maçom pode seguir sendo um Cowan?

R. Aquele homem que ingressa por mera curiosidade, para ganhar posição social ou vantagens nos negócios, o falso maçom é o verdadeiro cowan, uma fonte sutil de problemas dentro do corpo do Ofício, que certamente afetará a vida da Irmandade. se não se tiver cuidado.[\[16\]](#)

A pergunta que poderíamos fazer é: por que se segue em 1829 assimilando a questão dos falsos maçons aos cowans? E não apenas isso. Como é possível continuar mantendo-os como fonte de diversos problemas, e isso não é feito falando diretamente de profanos que desejam ingressar na Maçonaria.

Em geral, essas são perguntas não apenas que os historiadores não se fizeram, mas que dificilmente foram objetivadas, e a possível resposta que temos para essa tendência dos



maçons de manter as analogias antigas dentro dos rituais que nos podem parecer um tanto estranha e até pouco compreensível, mas explica o conteúdo e o continente, embora no final o que resta de tudo isso, e se torna muito evidente, é o interesse em assemelhar o termo *cowan* a uma série de atitudes reprováveis.

Nesse sentido o ritual *Duncans' Masonic Ritual and Monitor* (1866) se expressa deste modo:

Q. *Brother Tyler, your place in the Lodge.* (Irmão Guardo do Templo Qual é o seu lugar na loja?)

A. *Without the inner door.* (Fora da porta interna)

Q. *Your duty there?* (Qual é o seu dever ali?)

A. *To keep off all cowans and eavesdroppers, and not to pas o repas any but are duly qualified and have the Worshipful Master's permission.* (Manter afastados todos os profanos e bisbilhoteiros, e não deixe passar ninguém devidamente qualificado e sem a permissão do Venerável Mestre.)

Nesta linha que marca muito uma parte da ritualidade inglesa dos Antigos, mesmo quando a unificação de 1813 entre os Modernos e os Antigos tenha sido deixada para trás, e eles haviam se imposto uma normalização ritual através da implosão de ritual padronizado para esta nova fase, como é o ritual Padrão de Emulação, e onde se pode ver que em um ritual como o *Duncan*, o chamado Tyler (Guarda do Templo), localizado fora da loja, apresenta como missão, espada na mão, garantir que nenhum *cowan* ou intruso entre na loja.

A esse respeito, dos *cowans* surgiu um dilúvio de versos e canções satíricas, como a de Gavin Wilson, poeta e maçom da loja *St. David* no. 36 de Edimburgo, que em 1788 em suas canções satíricas apresenta os *cowans* como tolos, que pretendendo obter o *Palavra de Maçom* eles podem ser enganados de mil e uma formas.<sup>[17]</sup>

Que, no final, é que por sua vez, o prestigiado Makey apresenta, quando narra como Robert Jamieson, em sua busca por possíveis derivações do termo, se coloca diante da alocução que termina com o termo “cachorro” (talvez ligando o fato de que os escritores bíblicos haviam exposto precisamente o cão como uma imagem de desprezo) e, a partir dessa acepção a que chega Jamieson, este o coloca em relação à língua sueca, para concluir a caracterização dos *cowans* como *Kujon* ou *Kuzhhjohn* que significa: “tolo”.

### Notes

[1] *Dictionnaire vagabond de la pensée maçonnique.* Éditions Dervy. 2017

[2] *The Builders. A Story and Study of Masonry.* Grand Lodge of Iowa. 1914.

[3] *The Early Masonic Catechisms.* Quatuor Conorati Lodge n° 2076. 1975.

[4] MS. on two lines withgo owl.



[5] <https://hermetismoymasoneria.com/s13doc2a.htm>.

[6] Révagner, Marie-Cécile. *Les âges de la vie pour le franc-maçon britannique du XVIII<sup>e</sup> siècle*. In: *Les Âges de la vie en Grande-Bretagne au XVIII<sup>e</sup> siècle*. Presses Sorbonne Nouvelle, 1995.

[7] En la traducción de Renato Torres, para el libro: *Catecismos Masónicos (1696-1750)*. Edito Pardes. Este traduz a frase como: *Você sentou-se como um cowan, eu lhe ergo como um pedreiro*.

[8] P. - *Qual deve ser a altura de um assento de maçom?* R. - Duas agulhas de campanário, um encosto e um teto, todos à altura do joelho. Nota- É ensinado que o assento de um cowan é feito de pedra vulcânica para que afunde rapidamente. E está localizado metade na loja, metade do lado de fora, para que o pescoço do cowan fique sob o beiral do telhado em tempo chuvoso e que a água lhe penetre por entre seus ombros e saia pelos seus sapatos.

[9] O ilustrador W. Hogarth, em 1730, parodia esse curioso castigo em sua obra *Night*. Ver: Mulvey-Roberts, Marie. *Hogarth on the Square: Framing the Freemasons*. Journal for Eighteenth-Century Studies. Vol. 23. 2003.

[10] (Nota do Tradutor) Os Cowans, apesar de qualificados como pedreiros, não eram assim considerados pelas corporações, que os consideravam apenas “mão de obra” a ser contratada em caso de emergência. O que pode ter ocorrido é o tradutor francês interpretar a palavra cowan como mão de obra e ao grafar “main d’oeuvre”, escreveu “manoeuvre”, gerando assim uma distorção no entendimento da frase original em inglês.

[11] “Quando os pecaminosos Cowans sucumbiam à maré, a Arca do Mason triunfante subiu.”

[12] «Quando homens de qualidade, eminência, riqueza e aprendizado solicitam serem recebidos, eles são respeitosamente aceitos, após o devido exame; porque eles frequentemente provam ser bons Senhores (ou Fundadores) do Trabalho e não empregarão Cowans quando podem ter verdadeiros maçons; eles também são os melhores Oficiais da Loja, e os melhores Desenhistas, para a Honra e Força da Loja; mais que isso, de entre eles a fraternidade pode ter um Nobre grão-mestre; mas esses Irmãos estarão igualmente sujeitos aos Cargos e regulamentos, exceto no que concerne mais imediatamente aos Maçons Operativos ».

[13] “IRMÃO VW: Fostes nomeado Tyler (guarda do templo) desta Loja e eu vos invisto com a ferramenta de seu ofício. À medida que a espada é colocada nas mãos do guarda do templo, para efetivamente permitir que ele se proteja contra a aproximação de *cowans* e *espiões*, e não permita que alguém passe ou repasse, a menos que esteja devidamente qualificado. Com isso se quer nos advertir a colocar guardar um guarda sobre nossos pensamentos, vigilância em nossos lábios, uma sentinela em nossas ações;



evitando assim a abordagem de qualquer pensamento ou ato indigno e preservando as consciências sem ofender a DEUS e ao homem ».

[14] A este respeito, há uma nota que diz *Le Parfait Maçon – Pro-phanus* significa fora do Templo, e o profano designa quem não entrou em seu Portal *janua*. O termo inglês Cowan designa qualquer estranho à guilda que não possua a Palavra, já que se tratava de um leigo, um espião ou um pedreiro ou um aprendiz que não foi recebido maçom (<http://helmantica182.org/wp-content/uploads/2016/01/Lecturaspyg.pdf>)

[15] Contém uma nota que nos remete às Constituições Anderson de 1738

[16] <http://mvmm.org/c/docs/eng/wilson.html>

### Os Cowans no ritual maçônico francês.

Em geral, os rituais franceses geralmente não ecoam o tema dos *cowans*, pelo menos sob esse termo anglo-saxão definido, embora seja verdade que ele foi traduzido ou recriado, geralmente sob outros significados, como *intruso*, ou como *espião* ou simplesmente como *profano*.

Diante dessa situação paradigmática, o professor D. Stevenson vem ao nosso apoio, quando nos diz que toda essa trajetória pelas terras francesas é quando se nota que tal palavra desapareceu dos rituais atuais e “provavelmente porque houve poucos historiadores da maçonaria que examinaram a questão, bem como as áreas que ela cobre, e até os próprios maçons não sabem muito bem o que essa expressão significa », [11] além das expressões canônicas em uso e encontradas em alguns tratados e em muitas páginas da web nas quais são repetidas como papagaios.

Localizados nos primeiros textos pré-rituais originários das heranças dos Modernos, e gerado em solo francês, como foi o ritual *Luquet de 1745*. Isso nos diz que o Guarda do Templo (Tuileur) tem o senso e o dever de *afastar os profanos*:

P. Pourquoi vous armez-vous de glaive in vos L. ? (Por que estais armado com uma espada dentro da loja?).

R. C'est pour écarter les *profs*. (Para afastar os profanos).

Neste momento, não estamos mais diante de traduções, mas pelo contrário, diante de produções rituais típicas da prática maçônica francesa, que em sua fraseologia nos lembram vagamente o tema dos famosos cowans anglo-saxões, neste caso quem intervém é o Tuileur (Telhador) do *Luquet*, tratando de *afastar os profanos*, que parece dirigir-se a eles como *os chamados cowans*, que estariam interessados em obter esse acesso sem saber muito bem para quê e, por outro lado, não parece fazer muito sentido *afastar* aqueles que poderiam ser candidatos adequados para fazer parte da fraternidade maçônica.





É claro que, no subconsciente coletivo, atua sob pressão da constante presença de bisbilhoteiros no entorno das lojas para poder dar prazer ao público que exigia esse tipo de material, conforme mostra a extensa lista de *divulgações e exposições* que foram publicadas ao longo do século XVIII, tanto na Inglaterra quanto na França.

No *exposição* que vaza alguns anos após o *Luquet*, sob o título: *Antimaçons* (1748), comunica existência de pessoas *indiscretas* e dedicadas à *espionagem*, e serem *malignas em suas pretensões*. (On peut s'en rapporter aux sots pour remarquer tout ils n'ont que cela à faire. Ils sont *espions* par malignité, ❖ *indiscrets* par besoin de conversation).

Nesse sentido, estamos diante de uma definição mais exata da situação pela qual passava a Maçonaria, pois estarem todos os seus rituais sendo vazados para a opinião pública, evidentemente com a intenção de desacreditar, e cuja forma de obtenção como foi vista no Prichard de 1745 através de espionagem, daí a essencialidade do Guardião do Templo externo.

### A CONDENAÇÃO DO RÉGULATEUR SOBRE ARTESÃOS E COMPANHEIROS

Mas enquanto todas as exposições francesas vão se mover nesse mantra da *bisbilhotice* e a *intrusão*, será um ritual do final do século como o *Régulateur du Maçon*, que vai além ao definir uma diretriz muito alinhada com o associativismo terminológico que venho comentando, já que no ritual do grau de Aprendiz (1º), ao detalhar as condições para admissão, ele explica: “Raramente se admitirá um *artesão*, mesmo que ele seja um Mestre, especialmente em lugares onde as corporações e comunidades não estejam estabelecidas.

Procurando explicações para esta citação, que não é mais sobre os “cowans” operativos sobre os quais foi insuflada uma certa penalidade em forma de maldição, mas que transfere essa pressão para o setor artesanal francês, realizando uma transmutação que havia sido realizada antes sobre os artesãos canteiros sem a palavra, ou seja, os *cowans*, embora obviamente a história dos dois grupos de cantaria, tanto ingleses quanto franceses sejam radicalmente diferentes.

Para entender em parte a razão dessas omissões no tratamento e estudo sobre os *cowans* e as condenações sobre os *Companheiros* nos rituais, nos voltamos para a figura de Pierre Noël, que nos explica por que significados, autores como Guenón, [2] ou Guyot não expuseram a existência dessas incongruências, e a explicação vem do fato de que parte desses estudiosos nunca leram os rituais operativos da *Worshipful Society* e autores do outro lado do canal como Bothwell-Gose ou Debenham, pelo contrário, nunca leram o *Régulateur du Maçon*.

E, portanto, a questão da rejeição pode ser observada no que é exposto pelo ritual *Luquet*, que é, por sua vez, uma espécie de enxerto operativo de origem inglesa na ritualidade francesa; é evidente que nesta história não brilham muito os cowans que, geralmente, são semienterrados sob outros nomes, como se pode observar nas *exposures* francesas, exatamente até que o *Régulateur*, de uma maneira muito



discriminatória, volta a colocar no tapete as velhas essências inglesas de rejeição a alguns setores operativos do início do século XVIII.

Não deixa de parecer estranho que o “esquecimento” por parte dos historiadores e estudiosos franceses sempre tenha sido muito exigente e mais sobre o fato de que essa curiosa dissolução terminológica do “cowan” tenha ocorrido com base em várias traduções pelas quais outros termos mais tradicionais, ligados ao determinismo hexagonal foram incorporados, cujas adaptações surgiram com base em situações e realidades muito diferentes, que viriam a criar fortes distorções semânticas e de interpretação histórica.

Em 1801, quando o *Régulateur du Maçon* é publicado na França pela mão do Grande Oriente da França, que codifica a prática dos Modernos, mostra uma frase que vem complementar aquela já anteriormente exposta à forte rejeição dos *artêsãos*, a frase termina com esta determinação: “Jamais se admitirão os trabalhadores chamados Companheiros (*Compagnons*) nas artes e ofícios” [\[3\]](#).

Conhecidos são os embates históricos do Companheirismo (*Compagnons*) na história das construções religiosas e sociais ao longo dos diferentes séculos, tanto de caráter religioso, sindical e social, que levaram os poderes civis a perseguir tais guildas, tidas como revoltosas, o que não deixa de ser paradoxal que a mente coletiva maçônica, pelo menos no âmbito castelhano, continue a propor paralelismos estranhos, acreditando que são os mesmos ou semelhantes construtores de catedrais e maçonaria e, portanto, continua a ser mitologizada como algo próprio da Maçonaria especulativa por herança, quando na realidade, no caso da França, é mais uma questão muito mais de guildas de Ofício e dos Companheiros.

Portanto, depois de ler o vade-mécum sobre o trabalho do Companheirismo na França, [\[4\]](#) fica bastante claro que a censura feita pelo *Régulateur*, não deixa de ser é uma recriação do *malditismo dos artesãos* e, portanto, dos *Companheiros*, o que nos vem lembra os velhos *cowans* Anglo-saxões, apesar de sua história que registra grandes confrontos com seus *irmãos* de confraria, mas nesse outro contexto de torná-los alvo de invectivas e objetos de perseguição e zombaria, o que no contexto francês afetaria os *Companheiros*.

E é nesse contexto que se pode entender como lógica a condenação exposta no *Régulateur*, que se destaca dos usos terminológicos equívocos mais atuais, tais como *profano* ou *intruso*, para inclinar-se em direção às raízes operativas, transformando o dardo da marginalização desta vez sobre os *Companheiros* (*Compagnons*).

No entanto, um especialista em questões de Companheirismo, como é Jean-Michel Mathoniere, indica que essa referência aos *Companheiros* no *Regulateur* não se refere aos *Companheiros de Dever*, mas aos “Companheiros do mesmo sistema corporativo e gremial dos operativos”. Essa acaba sendo uma opinião bastante estranha, pois desde os tempos antigos estamos diante de uma queixa quase permanente sobre a possível



presença de artesãos, como cowans, cuja maldição está incluída no relato bíblico de Ezequiel 13. 10-15 “Porque inclusive seduziram o meu povo, dizendo: Paz; não havendo paz; e um construiu um muro e eis que os outros o sujaram com lodo solto”.

Nas referências a seguir, eles são tratados ou assemelhados a *intrusos*, e de *abomináveis*, fazendo-os passar continuamente, como “ouvintes intencionais” que desejam entrar nas lojas e, assim, obter a *Palavra de Maçom*, ou seja *querer passar-se por*, em todo caso *querer passar-se por maçons*, uma opinião encontrada em ambos os lados do Canal da Mancha, nessa sequência, primeiro como cowans e depois como *espões* e *intrusos*, embora seja necessário esclarecer que alguns seriam *ouvintes involuntários* (cowans) e outros seriam os *ouvintes intencionais* (espões), a serem finalmente assemelhados aos *Companheiros*, que definitivamente serão classificados como indesejados.

Pessoalmente, estou inclinado a pensar que o *Régulateur* em seu preâmbulo ele quer abranger precisamente aqueles *artesãos*, qualificados em alguns setores como “vis, sem elevação e sem mérito»<sup>[5]</sup> já os *Companheiro*, como um reflexo do repúdio a esse estamento, dada sua história como guildas dentro da articulação do ofício na França.

### OS MAÇONS DE TEORIA E DE PRÁTICA

Se isso era pouco dentro desse imbróglio terminológico da França do século XVIII, que relaciona os cowans ingleses a espões e intrusos, etc., é perturbado pela chegada de outros significados e concepções controversos encontrados nos rituais franceses, que versam sobre os *maçons de prática e de teoria*.

Embora não deixe de ser certo que este assunto apresente muitos problemas ao lidar tanto com o conceito quando com a historiografia.

Um dos primeiros rituais que expõe a questão colocada é o ritual *Luquet* (1745). Em seu catecismo baseado na troca típica de perguntas e respostas, destaca-se a pergunta:

P. Quantos tipos de maçons existem?

R. Existem dois tipos.

P. Quais são eles?

R. O *M. de Teoria* e o *M. de Prática*.

P. O que você aprende como *M. de Teoria*?

R. Uma boa moral, para purificar nossas maneiras e nos tornar agradáveis a todos.

P. O que é um *M. de Prática*?

R. Ele é um pedreiro, que trabalha a pedra e que levanta colunas sobre suas bases.

Aqui vemos, como um *maçom de teoria* se tornaria o virtuoso *maçom especulativo* com base no *aceitação* de bons elos *cavalheiros*, que formarão a associação da Grande Loja de



Londres, em vez disso, o *maçom de prática* é apresentado como um simples e tocos *pedreiro* que não parece ter outro objetivo senão erguer colunas, ele não é um construtor, mas sua missão parece mais simples, como os antigos cowans, erguer pilares.

P. O que aprendeis como *M. de Teoria*?

R. Uma boa moral, purificar nossos costumes, tornando-nos agradáveis a todo mundo. [novamente a presença dos *cavalheiros* ou *gentis homens*]

P. Quais são as principais qualidades de um *M. de Teoria*?

R. Ser um homem livre e discreto, igual aos príncipes reconhecidos por suas virtudes e amigo de Deus e do próximo.”

Eleva-se o elemento cavaleiro à categoria semidivina, ao contrário de como se expõe o artesão e o pedreiro, simplesmente um trabalhador da pedra, em que permanecerão pelo resto de suas vidas, pelo menos sob essa concepção medieval de estar sujeito ao ofício por toda a vida.

P. Que é o Maçom *Prático*?

R. Quem usa materiais nos edifícios.

P. Não pode ser tão virtuoso quanto nós?

R. Todo homem pode estar nesse estado; mas a grosseria e muitas vezes as razões mecânicas impedem praticamente que ele se una.

Essa discriminação é algo compartilhado por outra divulgação francesa do mesmo ano, a *Sceau Rompu de* (1745) e que prossegue nessa mesma linha o *Luquet* em seus ditados, e onde essa exposição sobre a grosseria baseada na ruralidade como incapacidade de se projetar e ser portador de suficiente argamassa para que a Maçonaria lhe diga que “não tem lugar para quem constrói suas paredes simbólicas sem o cimento do amor fraterno ».

Por outro lado, observar que na tradução apresentada pela editora Pardes esses dois termos foram traduzidos diretamente como “Maçons especulativos e Maçons Operativos”, conforme indicado na nota colocada no rodapé da página da tradução. O catecismo continua:

P. Quantas classes de maçons existem?

R. *Maçons de teoria* e *Maçons de Prática*.

P. O que aprendeis como *M. de Teoria*?

R. Uma boa moral, para purificar nossos costumes e nos tornar agradáveis a todos.

P. O que é um *Maçom de Prática*?

R. Um trabalhador de pedra que levanta perpendiculares (aprumadas) sobre suas bases.



Em relação ao exposto, insiste-se nesse erguer verticalmente de forma unânime, como aqueles que erguem muros e os *Maçons de Teoria* seria o *maçom aceito especulativo* que deve aprender por sua condição, a obter uma boa moral, a purificar as maneiras e ser agradável a todos. Deverá observar o silêncio, o segredo, a prudência e a caridade, fugindo das calúnias e da intemperança, pois a Arte Real dos Maçons sempre teve o desejo de unir a prática da virtude e as artes liberais herdadas da antiguidade.

E esse objetivo é proposto à custa de rebaixar o pedreiro simples, *maçom de prática*, que lhes doou primeiro suas ferramentas e conhecimentos para com eles construir uma fraternidade, para depois despojá-lo de toda a sua ciência, de seu ser e estar no sítio da construção maçônica.

De qualquer forma, essa não é a novidade, mas que uma divulgação deixe tão claro que os maçons operativos não tinham nenhuma conotação espiritual ou esotérica e que obviamente não parecem ter eco na Maçonaria recém-criada por sua falta de empatia e amor fraterno, o que cria um paradoxo, já que tais afirmações vão contra a corrente mítica que elevou os maçons operativos como os grandes construtores das catedrais com toda a sua carga místico-esotérica.

Em textos como a *Divulgação* de 1745, ou a de 1748: *Le Nouveau Catéchisme de Franc-maçons*, ou os rituais do *Marquês de Gages* de 1763, ou mesmo nos rituais do *Duque de Chartres* de 1784, todos eles se alinham para deixar clara a razão diferencial entre *Maçons Práticos* e *Teóricos* (Operativos e Especulativos), e nessas apreciações não há grandes diferenças de conceito entre eles.

É mais um dos últimos rituais descritos como provenientes do ramo dos Modernos, e já terminando o século XVIII, como é o *Corpo Completo da Maçonaria, adotado pela Grande Loja de França* (1761? ou 1774?) isso continua na mesma posição.

P. Quantos tipos de maçons existem?

R. Existem dois tipos: *Maçons de Teoriae* os *Maçons de Prática*.

P. Quem são os *Maçons de teoria*?

R. São aqueles que aprendem uma forma de moral, purificam seus hábitos e se tornam agradáveis a todos.

P. Quem são os *Maçons de Prática*?

R. São os que talham a pedra e erguem a perpendicular (aprumada) sobre suas bases.

Essas definições na instrução do 2o grau do *Regulateur*, (1786) volta a reafirmar, mas com uma diferença entre uma e outra, mas rebaixando cada vez mais as funções do *Maçom de Prática*.

P. Quantos tipos de maçons existem?

R. Existem dois tipos, uns de *Teoria* e outros de *Prática*.





P. O que os aprendem os *Maçons de Teoria*?

R. Uma boa moral que serve para purificar nossos costumes e nos tornar agradáveis a todos os homens.

P. O que é um Maçom de Prática?

R. É o trabalhador da construção.

Essa ideia da distinção entre ambos será mantida até o final do século XVIII, embora em parte vá se dissolvendo gradualmente, mas mesmo assim, surge alguma divulgação tardia que se afasta de tais paradigmas, como é o caso de *Mahhabone* (1766), que vai um pouco mais longe ao deixar para trás, pois assume o novo estado no qual o novo membro da loja deve ter tanto de cavalheiro quanto de pedreiro:

P. O que aprendestes ao se tornar *Cavalheiro Maçom*?

R. O Segredo, a Moral e a boa camaradagem.

P. O que aprendestes ao se tornar *Maçom do Ofício*?

R. A talhar a pedra em esquadro, dar forma à pedra, possuir o nível de habilidade com a perpendicular (prumada).

É evidente que a exposição *Mahabone* assume e adota as duas tipologias, é claro a dos *cavalheiros* como seu fundamento essencial, mas assumindo o *elemento operativo* como uma herança valiosa que o ajudará a elevar-se até o novo estado que propõem os *cavalheiros*, os quais “trabalham de segunda a sábado, com giz, carvão de madeira e uma panela que significa Liberdade, Fervor e Zelo, essa é uma proposta um pouco diferente do futuro universo especulativo”.

### A HERANÇA DOS ANTIGOS E DOS COWANS UM SÉCULO DEPOIS...

No entanto, dentro da corrente dos Modernos e no seio do continente, essa questão praticamente desaparece, exceto pela exceção do *Régulateur*, que eu já expus antes, por outro lado e a título de contraste, expor que, na corrente dos Antigos, esta recupera a antiga linha marcada pelos preconceitos.

É assim que a situação é apresentada em um texto em espanhol: *Catecismo de Instrução do REAA da Grande Loja da Espanha (GLE)* [\[\[6\]\]](#).

P. Um maçom pode seguir sendo um Cowan?

R. Aquele homem que ingressa por mera curiosidade, para ganhar posição social ou vantagens nos negócios, o *falso maçom* é o *verdadeiro cowan*, uma fonte sutil de problemas dentro do corpo do Ofício, que certamente afetará a vida da Irmandade. se não se tiver cuidado.



A pergunta que poderíamos nos fazer é: Por que se segue recolhendo em diferentes textos do REAA a proposta de Anderson de 1738 em um documento de 2011 da *Maçonaria de tradição espanhola*?

A julgar pelo que alguns maçons anglo-saxões expõem, isso é relativamente fácil de entender, uma vez que os *cowans* são elementos exógenos das guildas da maçonaria especulativa, uma vez que são trabalhadores *sem a palavra*, que desejam ingressar em nossas fraternidades... e, portanto, esse termo tem sido o ideal para definir a situação.

No qual, além disso, existe ritual como o *Ritual e Monitor de Duncans* de 1866, e pertencente à herança Antiga, e que contém:

P. Brother Tyler, your place in the Lodge. (Irmão Guarda do Templo Qual é vosso lugar em Loja?)

R. Without the inner door. (Fora da porta interna)

P. Your duty there? (Qual é o seu dever ali?)

R. To keep off all *cowans* and *eavesdroppers*, and not to pas o repas any but are duly qualified and have the Worshipful Master's permission. (Manter afastados todos os profanos e bisbilhoteiros, e não deixe passar ninguém devidamente qualificado e sem a permissão do Venerável Mestre.)

Como já expliquei, no restante dos cadernos rituais franceses de raiz Moderna do século XIX, perde-se praticamente toda a referência à persistência nessas tessituras, exceto no *Rito Francês Filosófico* que retoma a questão, mas a partir de perspectivas novas e diferentes.

## CONCLUSÕES:

Com base no exposto sobre os famosos *cowans*, pode-se resumir o que segue:

- Temos no início de toda essa história na região anglo-saxônica alguns pedreiros rurais (*wallers* ou construtores de muros) coexistindo no tempo e, circunstancialmente, nos mesmos lugares com os poderosos setores do Ofício (Craft) de caráter marcadamente urbano: guildas, confrarias, corporações, etc. .
- Pedreiros rurais apontados pelas corporações de ofício como pedreiros marginais, ou mão de obra eventual, a quem designam em vários documentos como "Cowans". (Canongate, Glasgow, Morher Kilwinning, York, Lodge Aitchison's Haven).
- Cowans, que, nas *Antigas Obrigações*, e em alguns outros regulamentos e documentos são mencionados em relação ao exercício e regulamentação do Ofício, nos quais lhes são atribuídas uma certa especificidade profissional de natureza rural limitada à construção de muros e pequenas construções no meio rural e, portanto, a eles são reduzidos as áreas de trabalho e dedicação. (Estatutos da *Shaw*, manuscritos *Dumfries*, *Wilkinson*)



- Termo que provém dos usos operativos da Escócia e que aparece em solo inglês e seus textos regulatórios no final do século XVII e início do século XVIII, estendendo esse termo em relação à Maçonaria a qualquer pessoa que não fosse um maçom especulativo.
- Como tais trabalhadores da cantaria rural não estavam inseridos nos grupos das guildas urbanas do Ofício, ficando à margem da posse da *Mason's Word* (Palavra do Maçom), que dava opção para mais benefícios de trabalho ou proteção.
- Tais cowans aparecem no seio da ritualidade no início do período especulativo como tais cowans, mas também sob descrições: *espíões*, *intrusos*, etc., e sob o pretexto de entrar secretamente na Maçonaria, conforme apresentado em diversos textos. (*Confissão de Maçons*, *Constituições de Anderson*.)
- São o resultado de campanhas de assédio e ridicularização, tanto nos rituais quanto por outros meios: canções e desenhos, nos quais são apresentadas como tal e conforme ocorre no *Ahiman Rezon*, como imorais e abomináveis.
- Na ritualidade francesa, o termo *cowan* vai adquirindo outros significados já comentados: *espíões*, *intrusos*, e como *profanos indignos*, perdendo a raiz original, aparecendo certos problemas de tradução e interpretação ao perder a raiz.
- A adaptação do termo *cowan* nos *meios de comunicação de massa* Maçônicos franceses transformou sua presença como *maçons de prática*, como um ponto de ruptura e separação entre o mundo operativo e o mundo especulativo, que se apresenta como um simples obreiro que levanta colunas e sem atitudes, devido à sua grosseria.
- Volta ao conceito de marginalização operativa, ou seja, considerando *cowans* certos setores do Ofício: os *artesãos* e os *Companheiros*, (*Régulateur du Maçon*)
- Desaparecimento prático dentro da raiz dos Modernos no século XIX, de tais significados denegridoras.
- Presença dos velhos clichês operativos dentro da corrente dos Antigos e até o século XIX. (*Ritual e Monitor de Duncans*)

Em geral, este estudo quis influenciar como um termo que esteve presente por mais de um século em nossos rituais, como os *cowans*, tenha sido mudado e ir se modificado, de forma interessada em termos de definições, disseminação e desenvolvimento, em cujo setor do Ofício foi marcado com sangue e fogo sob alguns conceitos como pedreiros, artesãos ou companheiros, mas sob percepções ou tratamento pejorativos como espíões, intrusos, detestáveis ou abomináveis de quem a Maçonaria se serviu para denegrir e atribuir certas atitudes, quando, de fato, como diz Bob Walker da Grande Loja da



Escócia, nunca esses [cowans] representaram um problema ou uma ameaça para Maçonaria. [\[7\]](#)

No entanto, houve toda uma concomitância em querer apresentar os *cowans* sob diferentes denominações como pessoas que não são capazes de construir nada no seio da Maçonaria, porque lhes faltariam, como diz um maçom inglês “o cimento que supõe o amor fraternal”, recorrendo à mesma Bíblia em que o livro de Ezequiel 13:10-15 dedica um flagelo cruel a esses simples pedreiros rurais que constroem muros sem argamassa. «Deste modo, destruirei o muro que vós cobristes com lodo solto, e o jogarei por terra, e sua fundação será descoberta e cairá, e sereis consumidos no meio dela; e sabereis que eu sou Jeová. Assim, cumprirei minha fúria no muro e naqueles que o cobriram com lodo solto; e eu vos direi: Não existe muro, nem quem o revestiu”. [\[8\]](#)

Não deixa de ser curioso que uma fraternidade como a maçônica, baseada no objetivo de “reunir os dispersos”, tenha mantido essa discriminação e denigração por tanto tempo.

Um termo como “cowans” que, se não fosse pela atenção ou estudo de autores como Mackey, Joseph Fort Newton, Henry Carr ou Sudarkis..., teria sido esquecido, perdendo toda a sua marca.

Estas são as investigações e reflexões que pude conceber para trazer à tona as velhas dúvidas maçônicas que desde a idade de aprendiz maçom eu vinha arrastando em relação a esses estranhos pedreiros rurais, os cowans.

**Victor Guerra**

**MM.:**

**Presidente Circulo de Estudios de Rito Frances Røettiers de Montaleau.**

### Notas

[\[1\]](#) Stevenson, David. *Les Premiers Francs-Maçons. Les Loges Écossaises originelles et leurs membres*. Éditions Ivoire-Clair. 2000.

[\[2\]](#) <http://pierresvivantes.hautetfort.com/archive/2013/12/15/rene-guenon-et-les-origines-de-la-franc-maconnerie-les-limit-5247265.html>. [ftn3](#), (René Guénon y los orígenes de la masonería: los límites de una mirada).

[\[3\]](#) *Régulateur du Maçon*. Editor Masonica. Es.

[\[4\]](#) Berton, Hugues ; Imbert, Christelle. *Les Enfants de Salomon. Approches historiques et rituelles sur le Compagnonnages et la franc-maçonnerie*. Éditions Dervy. 2015

[\[5\]](#) Anatole de Maontaignon. *Etat des ouvriers ramenés d'Italie par Charles VIII, 1497-8*. Archives de L'Arte Français. T. 1. 1906.



[6] *Lectura de Instrucción por preguntas y Respuestas, basadas en los catecismos y textos tradicionales del REAA.* GLE. 2011.

[7] Are there Cowans in our midst? [http://www.themasonictrowel.com/Articles/General/other\\_files/are\\_there\\_cowans\\_in\\_our\\_midst.htm](http://www.themasonictrowel.com/Articles/General/other_files/are_there_cowans_in_our_midst.htm)

[8] Ezequiel 13. 14-15